

Por: Gabriely Lima Silva Terra – 20211110052

Data: 12/07/2025

Tema: Reflexão sobre a aula pelo ciclo de Smyth.

A reflexão é um elemento central na formação de professores, pois permite que o docente compreenda e transforme sua prática pedagógica de forma consciente e crítica. Autores como Schön (1992) destacam a importância de pensar sobre a ação docente, não apenas após, mas também durante o fazer pedagógico. “Schön (1992,1992a), ao considerar o professor como prático reflexivo, distingue três conceitos diferentes que integram o pensamento prático: conhecimento-nação, reflexão-na-ação e reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação.” (PONTIN DARSIE; PESSOA DE CARVALHO, 1996,)

Já Zeichner (1993) propõe diferentes níveis de reflexão: a técnica, centrada na eficácia dos métodos; a prática, que considera os contextos escolares e sociais; e a crítica, que incorpora elementos políticos, éticos e culturais na análise do ensino. Complementando essa perspectiva, António Nóvoa defende que a profissionalidade docente se constrói a partir de uma postura reflexiva constante e da valorização da experiência como fonte de saber. Para ele, não basta formar professores com base em métodos e teorias desvinculados da prática; é preciso promover espaços de reflexão que permitam ao professor compreender-se como sujeito em formação permanente.

Para Nóvoa (1992), as escolas de formação inicial devem ser um lugar de aquisição de conhecimentos, onde os professores são preparados para a difusão dos conhecimentos historicamente construídos, mas são também "um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber fazer".

Nesse sentido, o ciclo de reflexão proposto por John Smyth é uma ferramenta teórica e prática amplamente utilizada na formação de professores para promover uma análise crítica e sistemática da prática docente. Esse modelo se estrutura em quatro ações interdependentes: descrever, informar, confrontar e reconstruir. A primeira etapa, descrever, consiste em relatar de forma objetiva e detalhada o que ocorreu durante a prática, sem julgamentos ou interpretações, apenas com o intuito de registrar os fatos. A segunda etapa, informar, exige que o professor reflita sobre os motivos que o levaram a agir daquela maneira: quais intenções estavam por trás das escolhas pedagógicas e como elas se relacionam com conhecimentos teóricos e experiências anteriores. A terceira etapa, confrontar, é talvez a mais crítica, pois envolve problematizar a prática, identificar inconsistências, tensões e aspectos que não funcionaram como o esperado. Por fim, reconstruir significa propor mudanças e estratégias de aprimoramento, elaborando alternativas mais eficazes para a prática futura. Ao aplicar esse ciclo, o professor constrói uma prática pedagógica consciente, articulando teoria e prática em um movimento contínuo de aprendizado profissional.

Figura 1: Ciclo reflexivo para ações de desenvolvimento profissional (Smyth, 1991)

Ação	Questão	Descrição
Descrever	O que faço?	Está ligado à descrição da ação em forma de texto para que esta fique clara aos praticantes. Essa escrita pode enfatizar ações rotineiras ou conscientes, conversas com alunos, professores, acontecimentos marcantes na sala de aula, problemas específicos, dentre outros.. Na descrição concreta da ação torna-se possível evidenciar o que está por trás de cada uma dessas ações.
Informar	Qual o significado das minhas ações?	Envolve uma busca pelos princípios que embasam as ações. Esta relacionada ao entendimento das teorias formais que sustentam as ações e aos sentidos que realmente estão sendo construídos nas práticas discursivas. Nessa ação há uma visita ao descrever para compreender as teorias que foram sendo construídas pelo praticante ao longo da sua vida e que influenciam suas ações.
Confrontar	Quem tem poder em minha sala de aula? A que interesse minha prática esta servindo? Acredito nesses interesses ou apenas estou reproduzindo?	Esta ligado ao fato do praticante submeter as teorias formais que embasam suas ações a algum tipo de questionamento. No confrontar as visões e ações adotadas pelos professores são percebidas não como meras preferências pessoais, mas como resultantes de normas culturais e históricas que foram sendo absorvidas. Além disso, confrontar envolve buscar as inconsistências da prática entre preferências pessoais e modo de agir.
Reconstruir	Como posso agir de forma diferente?	Relaciona-se com a proposta de emancipação de si através do entendimento de que as práticas acadêmicas não são imutáveis e que o poder da contestação precisa ser exercido. No reconstruir buscamos alternativas para nossas ações, e voltamos a ela, numa redescritção de cada ação embasada e informada.

FONTE: (DOS SANTOS; FERNANDEZ, 2009.)

Esse ciclo foi utilizado como base para a análise da aula ministrada, permitindo uma reflexão estruturada e profunda sobre cada etapa vivida em sala de aula. Na descrição, registraram-se detalhadamente todas as ações desenvolvidas: o conteúdo de solubilidade foi escrito no quadro antes mesmo do início da aula, com separações organizadas por temas (solubilidade, polaridade, forças intermoleculares). Foram apresentados exemplos e feitas perguntas para avaliar os conhecimentos prévios dos alunos. A explicação teórica envolveu conceitos como eletronegatividade, polaridade das moléculas e tipos de solventes, sempre articulando com exemplos do cotidiano e com conteúdo interdisciplinares, como a extração de pigmentos utilizada por povos indígenas, conectando ciência e cultura.

Na sequência, ao informar, justificaram-se as escolhas pedagógicas: a escrita prévia no quadro foi pensada para otimizar o tempo de aula, embora tenha se reconhecido que isso pode ter gerado alguma dispersão. O uso de perguntas constantes foi estratégico para acompanhar o aprendizado dos alunos. A integração entre teoria e prática ocorreu por meio de um experimento com solventes polares e apolares (álcool e óleo), envolvendo beterraba e folha de boldo, o que permitiu explorar as inteligências múltiplas por meio da manipulação, observação, comparação e interpretação dos fenômenos. A inclusão também foi contemplada ao considerar as diferentes

formas de aprender presentes na sala, reconhecendo as inteligências múltiplas dos alunos e valorizando os saberes tradicionais dos povos indígenas, promovendo uma abordagem mais abrangente, culturalmente sensível e conectada à realidade dos estudantes no ensino de Química.

A etapa de confrontar permitiu identificar limitações na condução da aula. O tempo foi um desafio: tentar realizar toda a explicação teórica e a atividade experimental em uma única aula comprometeu a profundidade de algumas discussões. A antecipação do conteúdo de forças intermoleculares antes da devida contextualização também pode ter gerado confusão nos alunos. Além disso, nem todas as respostas oferecidas pelos estudantes foram suficientemente desenvolvidas, e a discussão dos resultados do experimento poderia ter sido mais explorada. Apesar disso, houve um esforço contínuo para manter a participação ativa dos alunos, esclarecer dúvidas, inclusive dos que chegaram atrasados, e incentivar a observação crítica dos resultados.

Por fim, na reconstrução da prática, surgem propostas concretas de melhoria: dividir o conteúdo em duas aulas, uma teórica e outra experimental, administrar melhor o tempo, aprofundar os conceitos trabalhados durante o experimento, ampliar a escuta dos alunos e fortalecer a discussão coletiva dos resultados. Também se destaca a importância de trabalhar a interação entre os estudantes de maneira ainda mais intencional e desenvolver melhor o conceito de forças intermoleculares dentro do contexto experimental. O exercício reflexivo, guiado pelo ciclo de Smyth, proporcionou não apenas um diagnóstico da prática, mas também um planejamento mais sólido e consciente para aulas futuras.

Esse processo de reflexão se articula diretamente com os pensamentos de Donald Schön, que defende a importância do professor como um “profissional reflexivo”, capaz de pensar sobre sua ação enquanto ela acontece (reflexão-na-ação) e após sua realização (reflexão-sobre-a-ação), ajustando constantemente suas estratégias pedagógicas. Ao descrever, informar, confrontar e reconstruir a aula, não apenas se observaram ações passadas, mas também se abriram caminhos para um pensar mais intencional e **sintonizado com as necessidades reais da sala de aula** — um movimento que se alinha à perspectiva de António Nóvoa, para quem a identidade docente se constrói justamente nesse espaço de reflexão constante, em que o professor reconhece seus saberes, suas dúvidas e sua evolução. A análise da aula, com base no ciclo de Smyth, portanto, foi além de um exercício avaliativo: tornou-se um momento formativo, no qual os princípios de Schön e Nóvoa se materializaram na prática, promovendo um olhar mais sensível, ético e crítico sobre o ensinar.

Referência:

DARSIE, Marta Maria Pontin; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. O início da formação do professor reflexivo. **Rev. Fac. Educ.**, p. 90-108, 1996.

DOS SANTOS, Vanda Luiza; FERNANDEZ, Carmen. PROCESSO REFLEXIVO: ANÁLISE A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO NA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES DE QUÍMICA. 2009.